RAZÃO & FÉ

Construindo convicções, dissipando as dúvidas

UNIDADE III

A Bíblia é confiável?

Prof. Eliel Queres Santana

INTRODUÇÃO

Segundo a Sociedade Bíblica Brasileira, a Bíblia Sagrada é o livro mais vendido do mundo. Sabemos que é a base de fé e prática da Igreja Cristã, e por isso é de suma importância estudarmos seu conteúdo e sua formação, justamente para autenticarmos a sua confiabilidade, inerrância e coerência.

A Bíblia não é um livro, mas um conjunto de livros que formam um só. A palavra "Bíblia" quer dizer "coleção de pequenos livros." Esses livros foram escritos em épocas diferentes e por autores diferentes, mas formam um conjunto harmônico que, segundo a teologia cristã, não se contradiz.

Muitos argumentam que a Bíblia foi adulterada ao longo dos séculos e que pode ter havido erros no processo de escolha dos livros. Argumenta-se que é um livro escrito por homens, e por isso é falho. Argumenta-se ainda que pode ser apenas uma fábula, como um grande conto de fadas. Será que isso é verdade? Podemos analisar a Bíblia friamente e ainda assim, acreditar que ela é a Palavra de Deus? Prepare-se, aperte os cintos, e bem-vindo a Unidade III: A Bíblia é confiável?

O ANTIGO TESTAMENTO

Nesta Unidade não concentraremos tantos esforços para explicarmos a formação e confiabilidade do Antigo Testamento pela seguinte questão: Uma vez que comprovamos a confiabilidade do Novo Testamento, automaticamente validamos o Antigo Testamento. Quando Jesus veio ao mundo, o cânon do Antigo Testamento já estava formado. Ou seja, os livros que os judeus reconheciam como Palavra de Deus já eram lidos nas sinagogas aos sábados, e Jesus e seus discípulos reconheceram que esse conjunto de livros chamado de *Tanak* (Bíblia Hebraica) como Escrituras inspiradas por Deus.

Jesus reconhece o Antigo Testamento

Em Mateus 5:17 E 18 Jesus disse que não veio abolir a Lei de Moisés, mas cumpri-la. Diz também que enquanto céu e terra existir, nem a menor letra (um til ou um i) da Lei deixará de se cumprir. Logo, Jesus reconhece as Leis de Moisés registradas no Antigo Testamento, mais precisamente no Pentateuco (Os cinco primeiros livros da Bíblia). No entanto, nessa mesma passagem Jesus também cita os escritos dos profetas: "Não pensem que eu vim abolir a lei de Moisés ***ou os escritos dos profetas***..." (Mt. 5:17, NVT). Na sinagoga Jesus lia as Escrituras, conforme Lucas registra em Lucas 4:16-20, e nesta ocasião especial, lhe foi entregue um rolo do profeta Isaías, Jesus leu a passagem de Isaías 61 e disse que aquela profecia se cumpria nEle.

Em outras passagens podemos ver Jesus fazendo alusão ao livro do profeta Jonas, em Mateus 12:39, podemos ver ele citando 3 passagens diferentes do livro de Deuteronômio para Satanás no deserto, quando é tentado. Respectivamente, Deuteronômio 8:3, Deuteronômio 6:16 (Que faz alusão a Êxodo 17) e Deuteronômio 6:13. O fato de Jesus ter citado essas 3 passagens para Satanás no deserto demonstra que Ele as conhecia de memória (porque obviamente não havia um rolo do Antigo Testamento no deserto). Ou seja, ele estudava e examinava as Escrituras. Ele mesmo disse aos religiosos que eles examinavam as Escrituras porque

acreditavam encontrar nela vida eterna, e finaliza dizendo que as Escrituras apontam em sua direção, observe: “Vocês estudam minuciosamente as Escrituras porque creem que elas lhes dão vida eterna. Mas as Escrituras apontam para mim!” (Jo 5:39, NVT) Além disso, afirmou categoricamente que: “E vocês sabem que as Escrituras não podem ser alteradas” (Jo 10:35, NVT). Por fim, quando Ele está na cruz, em seus últimos suspiros, Jesus fala das Escrituras, citando o Salmo 22: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Sl 22:1, NVT).

Além disto tudo, os discípulos de Jesus, assim como ele, continuavam citando e demonstrando a confiabilidade do Antigo Testamento. Pedro cita a profecia de Joel no Pentecostes, Paulo faz alusões ao Antigo Testamento em todo tempo, em suas cartas, e escrevendo a Timóteo escreve a tão conhecida passagem: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para nos ensinar o que é verdadeiro ...” (2 Tm 3:16, NVT).

Portanto, o que é necessário para nós agora, é demonstrar a confiabilidade desses livros que registram Jesus e seus discípulos reconhecendo a Inspiração do Antigo Testamento, como Mateus, Lucas, Marcos, João, e todos os outros que compõem o cânon do Novo Testamento. Antes de avançarmos para o Novo Testamento, porém, é importante fazermos uma distinção entre a Tanak (Bíblia Hebraica) e a tradução do Antigo Testamento para o grego, conhecido como Septuaginta, que acabou incluindo alguns livros a mais do que havia na *Tanak* (os que são usados pela Igreja Católica).

Igreja Católica Apostólica Romana Igreja latina ou Ocidental	Igrejas Protestantes
Utilizam **todos** os livros da LXX que se encontram na Bíblia Hebraica e **mais 7 livros** que não se encontram na Tanak **46 livros** *A ratificação da inclusão desses 7 livros se deu no Concílio de Trento (sec. XVI) como uma das medidas da Contra-Reforma*	Utilizam **apenas** os livros da LXX que se encontram no Cânon da Bíblia Hebraica (Tanak) **39 livros**
Livros acrescentados: *Tobias; Judite; I e II Macabeus; Sabedoria; Eclesiástico (ou Sirach); Baruque*	***Antigo Testamento é exatamente idêntico ao Cânon Hebraico (Tanak)***

(Imagem fornecida pelo Prof. Ivanil Bousquet)

NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento é formado por 27 livros, e é dividido entre Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João que são as biografias de Jesus Cristo), Atos dos apóstolos (que é a parte histórica que narra a história inicial da Igreja), as cartas paulinas (cartas do apóstolo Paulo) e gerais (cartas de outros autores ou de autores desconhecidos) e Apocalipse (revelação do fim dos tempos dada a João).

Como cristãos devemos ter certeza, através de uma fé racional, que a Bíblia Sagrada é a Palavra de Deus. Por isso, vamos começar fundamentando que o Novo Testamento que hoje temos em mãos é historicamente confiável, não só no sentido de que traduz o que realmente aconteceu no passado, mas também no sentido de que as cópias não foram adulteradas no decorrer do tempo.

Confiabilidade histórica do Novo Testamento

Literaturas paralelas a Bíblia Sagrada, e a própria arqueologia, tem comprovado constantemente que a Bíblia é uma grande fonte de informações históricas confiáveis. O historiador Flávio Josefo, do primeiro século, confirma em sua obra "Antiguidades dos judeus" que o personagem principal das Sagradas Escrituras existiu, contrariando alguns intelectuais que afirmam não haver provas suficientes da existência de Cristo.

> "Naquela época vivia Jesus, homem sábio, de excelente conduta e virtude reconhecida. Muitos judeus e homens de outras nações converteram-se em seus discípulos. Pilatos ordenou que fosse crucificado e morto, mas aqueles que foram seus discípulos não voltaram atrás e afirmaram que ele lhes havia aparecido três dias após sua crucificação: estava vivo. Talvez ele fosse o Messias sobre o qual os profetas anunciaram coisas maravilhosas" (Flávio Josefo, Livro 18, capítulo 3, seção 3)

Além de ser uma fonte externa, e um autor não-cristão, Flávio Josefo também confirma que esse homem chamado Jesus, que era reconhecido como Cristo, tinha um irmão chamado Tiago que foi assassinado, como a Bíblia afirma. Paralelamente, acaba-se por confirmar, que os cristãos são um povo perseguido. Isto também é atestado pelo historiador romano Tácito.

> "Nero fez parecer como culpados os cristãos, uma gente odiada por todos por suas abominações (...) ainda que não os condenaram tanto pelo incêndio, mas sim pelo seu ódio à raça humana …" (TÁCITO, apud GONZÁLEZ, 1995,)

Tácito acaba demonstrando que existia um grupo de pessoas que eram denominadas como "cristãs", ou seja, existiu um homem chamado Jesus, que era proclamado como Cristo, que reuniu seguidores que foram odiados por todos os homens. É uma prova extrabíblica que a perseguição aos cristãos no primeiro século foi real. Além dos dois autores citados, há ainda mais oito autores que fazem menção a Cristo, são eles: Plínio, o jovem (político romano), Flegon (escravo liberto), Talo (historiador), Suetônio (historiador romano), Luciano (satirista grego), Celso (filósofo romano), Mara bar Serapion (cidadão comum) e Talmude. O importante de se notar é que muitas dessas fontes não são apenas não-cristãs, mas em boa parte anti-cristãs, como a Talmude dos judeus, Luciano que satirizava a fé cristã e Celso que fazia grave acusações aos cristãos. Se havia pessoas interessadas em negar a existência de Cristo, seriam

elas. No entanto, elas acabam comprovando que ele realmente existiu ao criticarem e profanarem-no. Se a existência de Cristo é mera invenção, então por que temos menções dele fora da bolha religiosa, incluindo historiadores romanos e filósofos?

O apologista cristão Norman Geisler faz um apanhado das citações sobre Jesus nessas 10 fontes históricas mencionadas acima, e demonstra que apenas através delas podemos confirmar boa parte da história que o Novo Testamento nos relata:

1. Jesus viveu durante o tempo de Tibério César
2. Ele viveu uma vida virtuosa
3. Realizou maravilhas
4. Teve um irmão chamado Tiago
5. Foi aclamado Messias
6. Foi crucificado a mando de Pôncio Pilatos
7. Foi crucificado na véspera da Páscoa judaica.
8. Trevas e terremotos aconteceram quando ele morreu
9. Seus discípulos acreditaram que ele ressuscitou dos mortos
10. Seus discípulos estavam dispostos a morrer por sua crença
11. O cristianismo se espalhou rapidamente, chegando até Roma
12. Seus discípulos negavam os deuses romanos e adoravam Jesus como Deus

Ou seja, se não tivéssemos o Novo Testamento, saberíamos da existência de Cristo e dos cristãos. Logo, o pano de fundo histórico do Novo Testamento é válido. Além disso tudo, o Novo Testamento não é narrado como uma lenda ou história fantasiosa, mas como um fato histórico concreto, os autores do Novo Testamento citam personagens históricos, citam eventos, lugares geográficos, nome de pessoas, deixando seus rastros para que comprovem ou não o que está escrito. O Evangelho de Lucas, por exemplo, é conhecido por sua exatidão histórica, uma vez que dá muitos detalhes em suas narrativas que já foram reconhecidas pela arqueologia.

O professor Edwin Yamauchi afirma que temos a melhor fundamentação histórica sobre Jesus do que sobre o fundador de qualquer outra religião antiga, semelhante a Norman Geisler, ele faz um apanhado do que se poderia saber a respeito de Cristo sem o Novo Testamento:

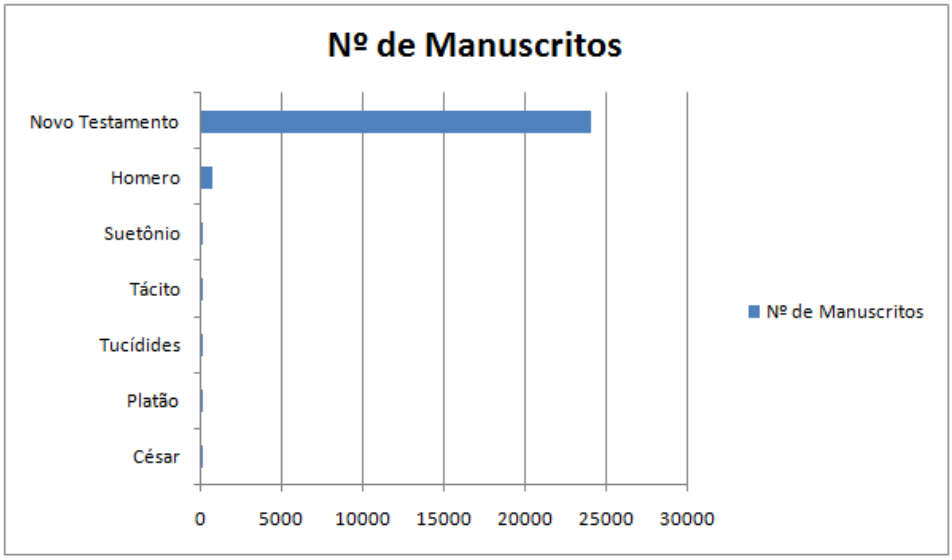
1. Era um professor judeu
2. Realizava curas e exorcismos
3. Pessoas acreditavam que ele era o Messias
4. Foi rejeitado pelos líderes judeus
5. Crucificado por ordem de Pôncio Pilatos
6. Seus seguidores acreditavam que ele continuava vivo
7. Todo tipo de gente, da cidade e do campo, homens e mulheres, livres e escravos, o adoravam como Deus.

Justamente por ter todo esse aparato histórico que Jesus Cristo não pode ser equiparado a outros personagens lendários, como por exemplo Apolônio de Tiana, que seria um profeta do século primeiro mais popular do que Jesus. Frequentemente, outros personagens históricos como esse são colocados como forma de questionamento a Jesus Cristo, como se ele fosse

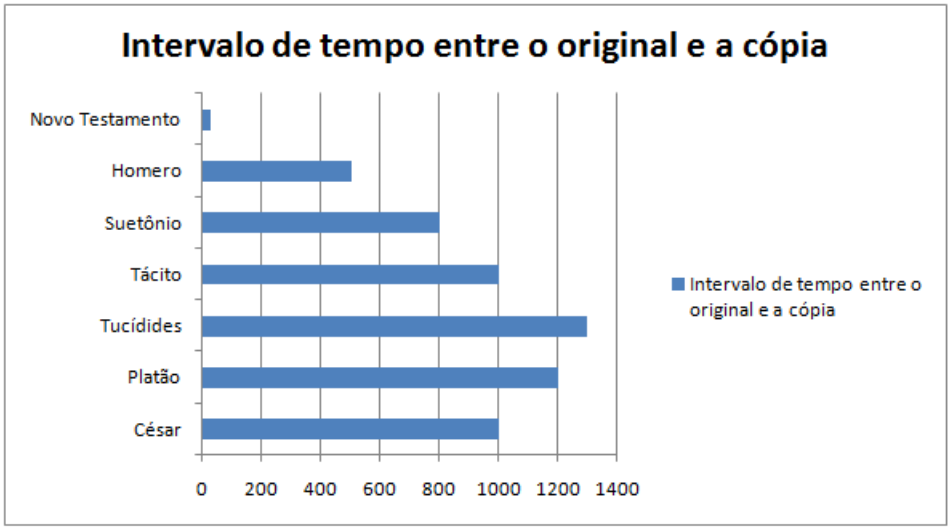
apenas mais um entre muitos profetas que existiram, ou como se ele fosse mais uma lenda entre tantas outras. No entanto, é bem diferente o arcabouço histórico que temos sobre Cristo do que temos sobre Apolônio. Os primeiros registros sobre Apolônio aparecem no século III, enquanto que ele viveu no século I, e são poucas fontes sobre sua vida e obra. No entanto, se compararmos com Cristo, vemos que os primeiros registros sobre sua vida e obra foram em uma janela de 25 anos apenas, e a imensidão de fontes e cópias supera em muito não apenas a história de Apolônio, mas a de qualquer líder religioso da Antiguidade e até mesmo qualquer outro documento histórico antigo.

A confiabilidade da transmissão do Novo Testamento

Quando analisamos o Novo Testamento somos levados a afirmar que se trata do documento histórico mais bem fundamentado que existe, pelo seu grande número de cópias. Como sabemos, todos os autógrafos (documento original escrito pelo autor) se perderam e restaram apenas cópias de cópias de cópias, que são os manuscritos. O mesmo aconteceu com todos os documentos antigos de historiadores e biografias de personagens antigos. Logo, a pergunta a ser feita é sobre a legitimidade das cópias que sobreviveram. E nesse quesito, o Novo Testamento sai a frente de todos os outros por causa do seu elevado número de cópias. Frequentemente, a informação de que o Novo Testamento contém apenas cópias é colocada como uma forma de provocar dúvida, enquanto que na realidade "o que o Novo Testamento tem a seu favor especialmente quando se compara com outros escritos antigos, é a multiplicidade sem precedentes de cópias que sobreviveram." (STROBEL, 2019, p. 74).



Como disse o professor Bruce Metzger, em entrevista ao jornalista Lee Strobel, a quantidade de material do Novo Testamento é quase constrangedora comparada em comparação com outras obras da Antiguidade. O segundo colocado, que é a Ilíada de Homero possui menos de 650 cópias, enquanto o Novo Testamento possui 5.000 apenas em língua grega, e somando com outros idiomas chega-se a 24.000 cópias. Além disso, a Ilíada de Homero também deixa muito a desejar no quesito de espaço de tempo em que o original foi escrito para as primeiras cópias remanescentes, deixando uma janela temporal aberta de 500 anos entre original e primeira cópia. Mas o Novo Testamento também se sai melhor nesse quesito do que todos os outros documentos.



O Novo Testamento possui o menor intervalo entre original e cópia. Segundo Norman Geisler, temos um intervalo de 25 anos entre original e primeiras cópias. Segundo outros estudiosos, que defendem que as primeiras cópias remanescentes são os fragmentos de John Rylands, encontrados na caverna de Qurm, ainda assim, o Novo Testamento fica à frente, pois sua data é de 100 a 150 d.C.

As variantes textuais

Frequentemente se diz que dentre as cópias do Novo Testamento nenhuma é idêntica a outra. E isso se deve as "variantes textuais". Diz-se que existem mais de 400.000 variantes textuais no Novo Testamento. O número é espantoso e gera algumas dúvidas, mas ao analisarmos o que seriam as variantes textuais, constatamos que a sua maioria é de natureza gramatical, como diferentes de pontuações, vírgulas e ortografia. Lembre-se de que a Bíblia é infalível, ela é a palavra de Deus e não contêm erros, mas as cópias não foram inspiradas por Deus, e os copistas estão sujeitos a erros.

O estudioso Philip Shaff analisou mais de 150 mil variantes e de todas elas nenhuma sequer afetou algum artigo da fé cristã. Ou seja, as variantes textuais não comprometem o conteúdo do Novo Testamento. Além do mais, as variantes textuais podem, em certa medida, ajudar na reconstituição do autógrafo, através do processo de comparação e de verificação cruzada.